

Interrogativa múltipla: condições sobre o movimento do sintagma interrogado

Neste trabalho pretendo apresentar alguns dos pontos tratados em minha dissertação¹ sobre o movimento do sintagma nominal interrogado (SN-q) em português. Partindo da definição de "interrogativa de SN", procurarei mostrar, inicialmente, as características gerais da regra de movimento de SN-q em português, à luz da teoria gerativa. Em seguida, serão apresentadas as condições sobre esse movimento em sentenças interrogativas diretas que contêm mais de um SN-q, e a que chamarei de "interrogativa múltipla".

I. Introdução

Em português, como acontece também em várias outras línguas, encontramos, dentre outras, sentenças interrogativas do tipo de (1) e (2) abaixo:

- (1) João fez o serviço?
- (2) João viu o quê?

Uma diferença entre essas sentenças está no fato de que, ao contrário de (1), (2) restringe o pedido de informação a um elemento da frase, o SN **o quê**. Poderíamos responder a (1) com **sim** ou **não**, o que não acontece no caso da sentença (2), para a qual (3), e não (4), seria uma resposta possível:

- (3) João viu o desastre.
- (4) *Sim, João viu o quê.

Às sentenças do tipo de (1) chamo de **interrogativas sim-não**, e às do

tipo de (2), **interrogativas de SN**. Essas últimas apresentam em sua estrutura profunda, além do morfema Q de início de sentença (responsável pela caracterização geral da estrutura interrogativa), um sintagma interrogado que é marcado pelo morfema q-.

II. T-Mov. SN-q: características gerais

Há evidências, em português, de que o SN-q pode ser movido ou permanecer no lugar de origem na estrutura em que se encontra, como se pode verificar em (5a-b):

(5)a. Os meninos comeram o quê?

b. O que os meninos comeram?

Em outras palavras, a gramaticalidade de (5a-b) constitui evidência de que existe uma regra em português que movimenta o SN-q, e que esse movimento é **optativo**².

Uma outra característica dessa regra é a de ser pós-cíclica. Um argumento em favor disso é o fato de o SN-q que tem origem numa sentença encaixada tal como na estrutura (6) abaixo

(6) [₀₁ Q você pass dizer [₀₂ você pass ver o caminhão [₀₃ o
caminhão Δ bater em que carro]]]₀₃]₀₂]₀₁

só pode ser movido para o início de O₁, como prova a agramaticalidade de (7b-c), frente à gramaticalidade de (7d):

(7)a. Você disse que viu o caminhão bater em que carro?

b. *Você disse que viu em que carro o caminhão bater?

c. *Você disse que em que carro viu o caminhão bater?

d. Em que carro você disse que viu o caminhão bater?

Um segundo argumento³ de que a T-Mov.SN-q é pós-cíclica está no fato de essa regra aplicar-se depois da Concordância Verbal (CV), regra também considerada pós-cíclica em português.⁴

III. T-Mov.SN-q em interrogativa múltipla

Passemos, agora, ao exame do comportamento da T-Mov.SN-q em sentenças do português que apresentam, como em (8) abaixo, mais de um sintagma interrogado:

(8) Quem viu o quê?

A existência desse tipo de sentença — a que chamo de **interrogativa múltipla** — levou-me a postular, como fazem outros autores, uma estrutura profunda que contenha, além do morfema Q de início de sentença, tantos morfemas q- quantos forem os sintagmas sobre os quais recai o pedido de informação. Só assim poderemos explicar essa ocorrência múltipla de elementos interrogados. A sentença (8) terá, portanto, a seguinte estrutura profunda simplificada:

(9) [Q q-alguém pass ver q-alguma coisa]

A função desse morfema q- será, em outras palavras, a de marcar o

escopo de Q em interrogativas de SN, como é o caso aqui.

Torna-se necessário, aqui, um esclarecimento sobre essas interrogativas múltiplas. Trata-se de sentenças que exigem uma situação especial para que sejam aceitas. Essa situação caracteriza-se por se querer obter mais de uma informação ao mesmo tempo. O mais normal é produzir-se uma sentença simples para cada tipo de informação. No entanto, isso não impede a utilização de outro recurso, como, por exemplo, o de perguntar duas ou mais coisas ao mesmo tempo, como é o caso de (8) acima, ou mesmo de (10):

(10) A polícia perseguiu quem em que cidade?

O fato de o julgamento dos falantes a respeito dessas sentenças não ser coerente nem seguro não é motivo suficiente para rejeitarmos esse tipo de sentença em nossa análise. Mesmo porque, elas existem no português e muitos as aceitam. Assim sendo, direi que desde que exista SN — qualquer que seja o número de ocorrências numa sentença — esse poderá receber, na base, a marca q- de sintagma interrogado. A gramática não estará, portanto, gerando apenas sentenças aceitáveis. As inaceitáveis poderão ser explicadas com base na influência de um fator extra-lingüístico — o de limitação de memória. Ou mesmo à dificuldade de processarmos mentalmente duas ou mais perguntas ao mesmo tempo. Essa dificuldade será maior quanto maior for o número (e também o tipo, às vezes) de sintagmas interrogados numa mesma sentença, como se pode ver em (11) abaixo:

(11) Quem mandou que meninos comprarem o quê?

Como vou examinar o movimento do sintagma interrogado nas interrogativas múltiplas, é necessário deixar claro que postulo um movimento em substituição ao Q de início de sentença. E, ainda que o(s) SN(s) -q não esteja(m) na mesma oração em que o morfema Q está inserido, a regra continua a ter essa característica. Por exemplo, na estrutura (12).

(12) [₀₁Q João pass dizer [₀₂Maria pass comprar q-algum carro]]₀₂₋₀₁

o elemento interrogado — o SN-q q-algum carro — é objeto do verbo da oração subordinada O₂, não estando, pois, na mesma oração em que está o morfema Q. Ao se aplicar a T-Mov.SN-q, o elemento interrogado será transportado para o início de toda a estrutura, ou seja, para o início de O₁, onde está o morfema Q, dando origem à sentença (13):

(13) Que carro João disse que Maria comprou?

Nos parágrafos seguintes serão apresentados, primeiramente, argumentos a favor de uma hipótese sobre um único movimento de SN-q por sentença. A seguir, serão verificadas as condições em que se dá esse movimento, tendo em vista a presença de outros sintagmas interrogados na mesma sentença, e que seriam candidatos potenciais a esse movimento.

IV. Movimento único de SN-q

Há evidências, em português, de que podemos movimentar qualquer dos SNs-q de uma sentença interrogativa múltipla, como provam (14b-c):

- (14)a. João entregou que papéis a quem?
- b. Que papéis João entregou a quem?
- c. A quem João entregou que papéis?

Entretanto, a agramaticalidade de (15a-b) evidencia a impossibilidade de se levar mais de um SN-q para o início da sentença:

- (15)a. *Que papéis a quem João entregou?
- b. *A quem que papéis João entregou?

Além dos dados acima confirmarem a hipótese de um movimento único por sentença, podemos atribuir à agramaticalidade de (15a-b) uma explicação baseada na proposta de Baker (1970) — e que adoto neste trabalho — de que o SN-q movido irá substituir o Q inicial. Em outras palavras, uma vez que cada sentença só contém um morfema Q, **somente um SN-q** poderá ser levado para aquela posição. Assim, a regra é optativa, mas o movimento não se dá para qualquer lugar da sentença.

A proposta de Baker, no entanto, parece não dar conta da agramaticalidade de (16b):

- (16)a. Quem leu o quê?
- b. *O que quem leu?

Partindo de uma estrutura profunda simplificada como (17)

- (17) [Q quem Pass ler o que]

seria de se esperar que a regra pudesse aplicar-se ao **segundo** sintagma interrogado — o SN-q **o que** — levando-o para o início da oração, em substituição ao Q. Entretanto, se o fizermos, obteremos uma sentença agramatical. O fato é que existe alguma coisa nesse tipo de sentença que impede o movimento, mesmo de um só SN-q. Voltarei a esse ponto logo abaixo. Por ora, podemos concluir, a partir dos dados apresentados em (14) e (15) acima, que a hipótese de um único movimento por sentença é válida para o português, o que se dará sempre para a esquerda, em substituição ao Q.

V. Condições sobre o movimento de um só SN-q

Voltemos, agora, ao problema encontrado em (16a-b). Tentemos verificar, com o auxílio de outros dados, as condições em que se dá o movimento único em português.

As sentenças (18a-c) apresentam-se também com mais de um SN-q:

- (18)a. Maria disse o que a quem?
- b. O que Maria disse a quem?
- c. A quem Maria disse o que?

Nesse caso foi possível o movimento de um dos SNs-q, ao contrário do que ocorreu em (16b). Acontece, entretanto, que nessa última um dos sintagmas que possuem a marca de interrogação é o sujeito da oração — o SN-q **quem**. Meu objetivo nos parágrafos que se seguem é verificar as razões que fazem com que numa sentença que tenha um SN-q em função de sujeito não possa haver o movimento de outro SN-q.

Lanço, inicialmente, uma proposta de análise para esses casos, na forma apresentada em (19):

(19) Se, numa interrogativa múltipla, um dos SNs-q for o sujeito da oração, nenhum outro SN-q poderá ser levado para a frente desse sujeito, mesmo em substituição ao morfema Q.

Testemos essa hipótese, agora tomando um exemplo como (20), em que foi aplicada a T-passiva:

(20) O que foi lido por quem?

Se quisermos aplicar a T-Mov.SN-q ao SN-q **quem** (já que, como vimos anteriormente, essa é uma regra pós-cíclica, ordenada depois da CV), obteremos uma sentença agramatical como (21):

(21) *Por quem o que foi lido?

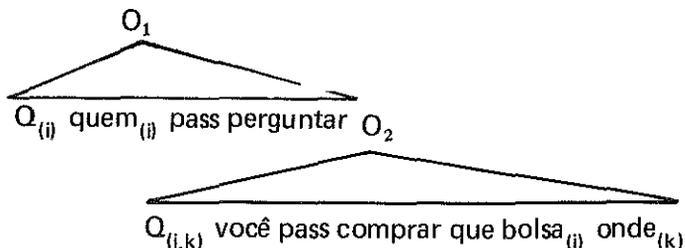
Ora, o sintagma movimentado passou por cima de um SN-q que era objeto, e não sujeito, na estrutura profunda. Mesmo assim a sentença é agramatical. Isso me leva, então, a dizer que a restrição feita em (19) levará em conta não a estrutura profunda, mas a estrutura que existe no momento da aplicação da T-Mov.SN-q. Desse modo, (21) é agramatical porque o sintagma **por quem** passou por cima do sintagma **o que**, agora sujeito da estrutura, como resultado da aplicação da T-passiva. De qualquer forma estamos vendo que o SN-q sujeito parece impedir a movimentação de outro SN-q.

V.1. A análise de Kuno & Robinson e sua adequação ao português

Examinemos, agora, a adequação ao português de uma análise de Kuno & Robinson (1972) sobre interrogativas múltiplas. Propõem esses autores três restrições ao movimento de SN-q. A primeira — “The Clause Mate Constraint” — estabelece que os vários SNs-q que estejam vinculados ao Q da sentença matriz devem ser constituintes da mesma oração no momento da aplicação da regra de movimento. Isso não quer dizer, no entanto, que todos os SNs-q tenham que ter origem sob o mesmo nóculo O que domina o morfema Q. A segunda restrição — “WH-Crossing” — não permitirá o movimento de um SN-q por sobre outro SN-q, exceção feita aos SNs-q que sejam constituintes de um sintagma adverbial de **tempo** e de **lugar**, mas desde que eles não se movimentem por sobre um SN-q sujeito. Já a última restrição — “Double Dislocation” — irá proibir o deslocamento de mais de um constituinte interrogado.

Essa proposta de Kuno & Robinson pretende mostrar que não há necessidade de índices no morfema Q, estabelecendo relações de vínculo entre esse e os SNs-q, como faz Baker (1970). A justificativa daqueles autores baseia-se no **princípio de controle** e na **relação de comando**: nenhuma transformação poderá mover um SN-q para fora de uma oração com Q e levá-lo para outra oração com Q. Em outras palavras, podemos dizer que um Q protege os SNs-q — que estão sob o comando desse Q que está mais perto deles — da influência de um Q que esteja mais alto. Isso pode ser comprovado em sentenças a que chamo de interrogativa dupla (uma interrogativa indireta encaixada numa interrogativa direta). Na estrutura (22) abaixo

(22)



não haverá necessidade dos índices nos morfemas Q de O_1 e O_2 — e nem nos SNs-q — para determinar a qual Q o(s) SN(s)-q se vincula(m). O princípio de controle e a relação de comando irão impedir que qualquer dos SNs-q **que bolsa** e **onde** de O_2 seja levado para o início de O_1 , uma vez que o morfema Q de O_2 — que é a oração em que estão esses SNs-q — irá proteger os SNs-q da influência do Q mais alto, impedindo, assim, o movimento.

Kuno & Robinson postulam, portanto, que um Q que esteja numa oração mais alta não poderá vincular um SN-q que esteja numa oração mais baixa em que também há o morfema Q. Daí não serem necessários os índices.

V.1.1. Tomemos, agora, cada restrição separadamente e verifiquemos sua adequação ao português.

Ao examinarmos uma sentença como

(23) Que pessoas você disse que parecem odiar quem?

a que atribuo a derivação dada em (24) abaixo, encontraremos aí um contra-argumento à primeira restrição — “The Clause Mate Constraint”:

(24) EP: [Q_{01} você pass dizer [Δ_{02} pres parecer [Q_{03} pessoas Δ odiar quem] $_{03}$] $_{02}$] $_{01}$

1º ciclo(O_3): —————

2º ciclo(O_2): T-Alçamento para a posição de sujeito

[Q você pass dizer [que pessoas pres parecer [Δ odiar quem]]]

3º ciclo(O_1): —————

Pós-cíclicas: 1) CV (depois da aplicação do Pulo dos Afixos)
[Q você disse [que pessoas parecem [odiar quem]]]

- 2) T-Mov.SN-q — que poderia carregar para o início da sentença matriz qualquer dos dois SNs-q, **que não são mais constituintes da mesma oração** — ou seja, não são “clause mates”, de acordo com Kuno & Robinson — no momento da aplicação da regra de movimento. Assim, aplicando a T-Mov.SN-q ao SN-q **que pessoas** teremos (23).⁵

Para manter a restrição de Kuno & Robinson teríamos que aceitar que a T-Mov. SN-q é cíclica (e já vimos que não o é), além de enfrentarmos problemas relacionados às outras regras envolvidas na derivação acima.

V.1.2. Também a restrição de “WH-Crossing” parece não funcionar para os dados do português, pelo menos inteiramente. As sentenças (25a-c) corroboram o que foi postulado por Kuno & Robinson: em (25c), por exemplo, o SN-q **em que livraria** pôde ser movido por sobre o outro SN-q **que livro**, por não ser esse último um sujeito, e por ser aquele um sintagma adverbial de lugar:

- (25)a. Pedrinho comprou que livro em que livraria?
b. Que livro Pedrinho comprou em que livraria?
c. Em que livraria Pedrinho comprou que livro?

Se observarmos, entretanto, as sentenças de (14) — que repito aqui —

- (14)a. João entregou que papéis a quem?
b. Que papéis João entregou a quem?
c. A quem João entregou que papéis?

vamos encontrar um contra-argumento à restrição daqueles autores. Isso porque, em (14c), o SN-q **a quem** (objeto indireto) movimentou-se por cima do SN-q **que papéis** (objeto direto) ao ser levado para o início da sentença que, nem por isso, deixou de ser gramatical.

Um aspecto, entretanto, da presente restrição que parece funcionar em português é o que leva em conta a presença de um SN-q sujeito, que irá impedir o movimento de outro SN-q por sobre ele — como já vimos nas sentenças (16b) e (21):

- (16b) *O que quem leu?
(21) *Por quem o que foi lido?

— mesmo que o SN-q movido seja adverbial, como prova a agramaticalidade de (26b):

- (26)a. Quem comprou esse livro onde?
b. *Onde quem comprou esse livro?

V.1.3. A única das três restrições que funciona integralmente no português é a “Double Dislocation”. Realmente, já vimos que é

impossível o movimento de mais de um SN-q por sentença, quando examinamos (15a-b):

- (15)a. *Que papéis a quem João entregou?
- b. *A quem que papéis João entregou?

V.1.4. Examinando, agora, uma outra regra de movimento, constatamos a possibilidade de se movimentar um outro constituinte por sobre o sujeito interrogado. É o caso de (27b), em que foi aplicado o Transporte de Advérbio:

- (27)a. Quem chegou ontem?
- b. Ontem quem chegou?

Também em casos de Topicalização o sintagma topicalizado passa por sobre um SN-q sujeito, como vemos em (28b):

- (28)a. Quem leu esse livro?
- b. Esse livro, quem leu?

O exame dessas outras regras parece indicar que o problema mencionado no parágrafo anterior, relacionado à T-Mov.SN-q, não está ligado propriamente ao fato de o constituinte ser sujeito e, por isso, impedir que outro constituinte se mova por sobre ele, mas ao fato de ser esse sujeito um constituinte interrogado (um SN-q). Podemos concluir, provisoriamente, que a agramaticalidade das sentenças se deve ao fato de o SN-q, quando sujeito, já estar na posição adequada para um constituinte interrogado, ou seja, no início da sentença, não cabendo, portanto, movimento de outro SN-q para aquela posição.

Pelo que foi visto até aqui, podemos estabelecer as condições sobre o movimento de SN-q da maneira como se segue (incorporando o que foi postulado em (19)):

- (29)a. Só haverá um movimento por sentença.
- b. Um SN-q qualquer poderá ser movido por sobre outro SN-q, desde que esse último não seja sujeito.

A diferença entre a parte b. de (29) e a proposta de Kuno & Robinson está em que, para eles, só o SN-q com função de tempo e lugar pode passar por cima de outro que não seja sujeito.

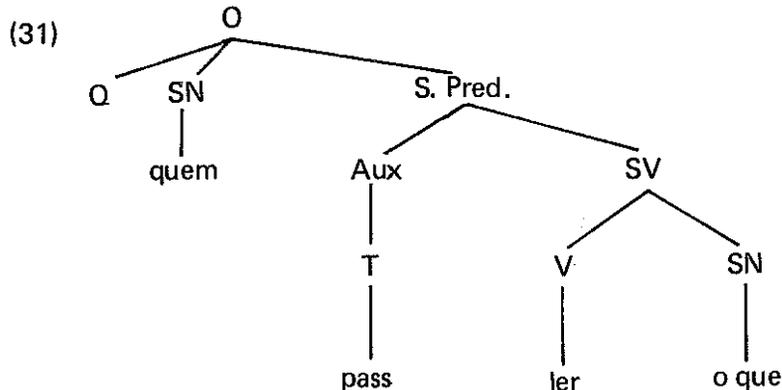
V.2. "Comando" e "precedência"

V.2.1. Numa tentativa de justificar a restrição muitas vezes estabelecida pelo SN-q em relação ao movimento de outro SN-q, verifiquemos se a solução para isso pode ser estabelecida em termos das relações de primazia — comando e precedência — postuladas por Langacker (1969).

- (30) Um nóculo A "comanda" outro nóculo B se
 - a) nem A nem B dominam um ao outro
 - b) o nóculo O que mais imediatamente domina A também domina B.

Examinando o diagrama (31) — que se refere à EP simplificada

dada em (17) –



observamos que o SN-q **quem** comanda o SN-q **o que**, uma vez que a) nenhum dos dois domina o outro, e b) o nóculo O que domina imediatamente o SN-q **quem** também domina o SN-q **o que**.

A fim de explicar a agramaticalidade de (16b)

(16)a. Quem leu o quê?

b. *O que quem leu?

tentemos impor, provisoriamente, uma condição á regra de movimento, qual seja:

(32) Um SN-q_(j) não pode ser movimentado por sobre outro SN-q_(i) se SN-q_(i) comanda SN-q_(j).

A regra de movimento de SN-q pode, então, ser formalizada, por ora, da seguinte maneira:

(33)

X	Q	Y	SN-q	Z	
1	2	3	4	5	
1	4	3	0	5	opt. \Rightarrow

Condição: 3 não contém SN-q que comanda 4.

A sentença (16a) também pode ser explicada em termos de (33), já que Y pode ser nulo, e o movimento se dará, então, no vazio.

A regra tal como proposta em (33) impediria, entretanto, a derivação de sentenças gramaticais como (18c):

(18c) A quem Maria disse o quê?

De acordo com a condição imposta à mudança estrutural da regra, o segundo SN-q não poderia ser movimentado por sobre o outro que o comanda. Isso, entretanto, não é o que se deu em (18c).

Concluímos, até aqui, que a relação de comando serviu para impedir o movimento de um SN-q por sobre um outro que fosse sujeito, mas não se aplica aos casos em que o primeiro SN-q não tem essa função.

Resta, portanto, eliminar da regra (33) a condição baseada no comando. O impedimento exercido pelo SN-q sujeito deve estar ligado a outro fator.

V.2.2. Uma explicação para os fatos acima poderia ser tentada com base na relação de precedência, cuja noção vincula-se à ordem linear dos constituintes na oração (ao passo que a noção de comando está vinculada à dominação).

Em termos dessa relação, diremos que o SN-q **quem** da estrutura dada em (31) precede o SN-q **o que**, tendo sobre esse último um certo poder, agindo, segundo Langacker, como núcleo (primário), ao passo que o segundo terá um status de satélite (secundário).

Com base nessa relação conseguiríamos explicar a agramaticalidade de (16b). Poderíamos, também, impor uma condição à regra de movimento, conforme fizemos anteriormente. Entretanto, isso não funcionará em todos os casos vistos até agora. Além do mais, se a precedência bloqueasse o movimento de SN-q, nunca haveria movimento por sobre outro SN-q, pois, como o movimento se dá para trás (para a esquerda), esse outro SN-q teria de ser o precedente.

Podemos, portanto, abandonar as noções de comando e precedência para explicar os fatos acima.

V.3. A relação "em construção com"

Uma nova proposta de explicação do problema em questão é agora baseada na relação "em construção com" — postulada por Klima (1964) para definir o campo da negação e do elemento wh-, correspondente ao meu Q — apresentada em Langacker (1969) nos seguintes termos:

(34) "Dados dois constituintes A e B, diz-se que B está em construção com A se o nóculo C que domina diretamente A também domina B."

Diferentemente da relação de comando, a relação "em construção com" leva em conta o domínio imediato. Langacker estabelece assim a diferença: "ao se determinar se B é comandado por A, é preciso saber se B é dominado pelo nóculo O mais baixo que domina A. Ao determinar se B está em construção com A, por outro lado, é preciso saber se B é dominado por qualquer nóculo que diretamente domina A, seja esse nóculo um O ou não."⁶

Examinando, novamente, a estrutura (31), veremos que o SN-q **quem** é o A, e o SN-q **o que** é o B de que fala (34). Por conseguinte, diremos que **o que** está "em construção com" **quem**, porque esse último SN-q é dominado diretamente pelo nóculo O, que também domina aquele. O contrário, entretanto, não é verdadeiro.

Na tentativa, mais uma vez, de explicar a agramaticalidade de (16b), que repito aqui,

(16b) *O que quem leu?

uma nova restrição será imposta à regra de movimento, baseada nessa relação "em construção com":

(35) Um SN-q_(i) não pode se movimentar por sobre um SN-q_(j) se SN-q_(j) está "em construção com" SN-q_(i).

Entretanto, nem mesmo (35) será suficiente para explicar todos

os dados arrolados até agora. Ela dará conta da agramaticalidade de (16b), mas impedirá a derivação de sentenças gramaticais como (18c):

(18c) A quem Maria disse o quê?

Numa estrutura como essa o SN-q a **quem** não poderia movimentar-se por sobre o SN-q o **que** sem violar a restrição dada em (35).

Assim, fica eliminada mais essa hipótese para explicar os fatos apresentados principalmente em (16b) e (18c).

V.4. A "superioridade" do sujeito em relação aos outros constituintes

Um último argumento sintático para explicar aquelas sentenças pode ser baseado na seguinte condição sobre transformação, estabelecida em Chomsky (1973):

(36) "Nenhuma regra pode envolver X, Y na estrutura

$$\dots X \dots \underset{\alpha}{[\dots Z \dots \text{-WYV}]} \dots$$

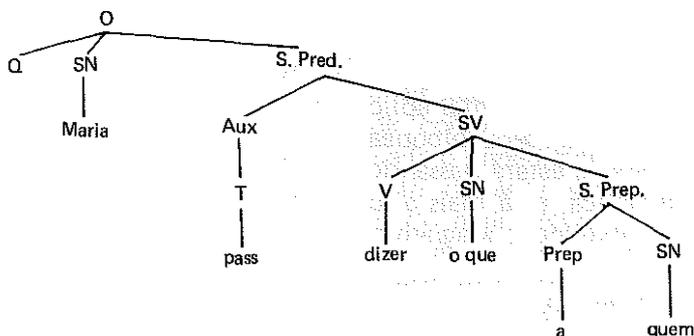
onde a regra se aplica ambigualmente a Z e Y, e Z é superior a Y".

O termo "superior" é empregado em (36) no sentido de que "uma categoria A é superior à categoria B no indicador sintagmático se toda categoria "principal" que domina A também domina B, mas não o contrário".

Tomando, novamente, a estrutura (31), veremos que há ali dois SNs-q, ambos "candidatos" ao movimento propiciado pela regra de movimento de SN-q. Dessê modo, podemos dizer que a regra se aplicaria ambigualmente, isto é, ou ao SN-q sujeito **quem**, ou ao SN-q o **que** não-sujeito. No primeiro caso, já vimos que a regra se aplica no vazio, uma vez que o SN-q é levado para uma posição em que ele já está; melhor dizendo, o SN-q, quando sujeito, está adjacente ao Q, no início de O. E é essa posição inicial que ele continuará ocupando.

Podemos explicar a agramaticalidade de (16b) como resultado de uma violação da condição dada em (36). Ou seja, sendo o primeiro SN-q da estrutura (31) — estrutura profunda simplificada de (16b) — **superior** ao segundo em termos de configuração arbórea, isto é, dominado por uma categoria "principal", a regra não poderá movimentar o segundo SN-q. De acordo com (36) diremos que a regra irá selecionar o constituinte **superior** para a aplicação, o que explica também a gramaticalidade de (16a).

Permanece, no entanto, sem uma explicação satisfatória o caso exemplificado em (18c), mesmo com essa nova condição imposta à regra. Um exame da estrutura (37), que origina (18c),



leva-nos à constatação de que o segundo SN-q, que faz parte do S. Prep., não poderia movimentar-se por sobre o SN-q o que, pois esse é superior áquele. Em outras palavras, toda categoria principal que domina o SN-q o que — a saber, SV, S. Pred. e O — também domina o SN-q quem. Entretanto, o inverso não se dá. A regra de movimento seletiva, então, o termo superior, e seria gerada uma sentença como (18b), mas não (18c), perfeitamente gramatical:

(18)b. O que Maria disse a quem?

c. A quem Maria disse o que?

Logo, resta-nos concluir que a condição sobre a superioridade, em termos de dominação, de um sintagma sobre o outro não funciona em português para esses casos de interrogativa múltipla.

V.5. Uma explicação semântica para esses fatos poderia ser tentada, impondo-se à regra de movimento uma condição, a exemplo do que foi feito por Jackendoff (1972) para a passiva. Baseia-se essa condição nas relações temáticas, organizadas hierarquicamente da maneira abaixo:

(38) HIERARQUIA TEMÁTICA

1. Agente
2. Localização, Fonte, Meta
3. Tema

Tomemos uma estrutura como (39):

(39) [Q quem pass comprar o que]

Admitamos, inicialmente, que **comprar** é um verbo de movimento, no sentido dado por Jackendoff, ou seja, **comprar** significa que alguma coisa passou (movimentou-se) de um para outro. O SN-q **quem** será o AGENTE, e o SN-q **o que** será o TEMA (que é o sintagma que se refere ao que está sendo movimentado, ou seja, passado de uma pessoa para outra). O SN-q **quem** exerce também uma outra função semântica, a de META, uma vez que o que é comprado está saindo das mãos de alguém e passando para as do referente desse sintagma.

Acrescentando, agora, à regra de movimento de SN-q a condição abaixo,

(40) O SN-q_(i) movido sobre SN-q_(j) deve estar mais alto na hierarquia temática do que SN-q_(i)

veremos que a regra, ao tentar aplicar-se a (39), levando o SN-q o **que** para substituir o Q, seria bloqueada pela condição (40), pois esse SN-q é o TEMA, e estará passando por cima de outro SN-q que, na hierarquia temática, está mais alto que aquele, por ser o AGENTE. Dessa maneira explica-se a agramaticalidade de (41b) (assim como a de (16b)):

(41)a. Quem comprou o quê?

b. *O que quem comprou?

Uma análise que incorpora essa condição à regra de movimento de SN-q atribuirá uma explicação para a sentença (18c), o que não tinha sido possível com as análises anteriores baseadas nas noções de comando, precedência, etc. Explicitando melhor, o SN-q **quem** de (18c) é META, estando, portanto, acima do SN-q o **que** na hierarquia temática, por ser esse último o TEMA. Da mesma maneira, fica explicada a gramaticalidade de sentenças como (42), com sintagma adverbial.

(42) Onde Pedro comprou o quê?

em que **onde** é a LOCALIZAÇÃO (ou mesmo FONTE), estando acima do TEMA o **que**.

VI. CONCLUSÃO

Os argumentos sintáticos apresentados nos parágrafos precedentes mostraram-se aparentemente inadequados para explicar todos os casos de movimento de SN-q em interrogativa múltipla em português. Somente o último argumento, semântico, pôde dar conta do impedimento causado pelo SN-q **sujeito** ao movimento de outro SN-q por sobre ele.

Entretanto, podemos agora retomar todos aqueles argumentos, os quais se mostrarão válidos para o português, se levarmos em conta certas observações de caráter psicolinguístico, que exponho a seguir.

Encontram-se em Slobin (1969) referências a estudos que evidenciam que a divisão da sentença em constituintes não é meramente um recurso formal de análise, mas tem realidade psicológica para o falante. Alguns desses revelam que o falante, quando solicitado a reportar sentenças a partir de uma palavra-chave (que tanto pode ser a primeira quanto a última de cada sentença), tende a lembrar-se mais prontamente da sentença quando a palavra-chave é o **sujeito lógico** como "taylor's" e "John" em (43a) e (44a), respectivamente:

(43)a. "Gloves were made by taylor's"

b. "Gloves were made by hand"

(44)a. "John is eager to please"

b. "John is easy to please"

Isso nos leva a dizer que o **sujeito** parece ter mesmo mais relevância psicológica para o falante, comportando-se à maneira dos **tópicos**. Ora, se é assim, está explicado o impedimento exercido pelo sujeito quando é um SN-q. O fato de estar sendo pedida uma informação sobre ele, mesmo havendo mais SNs-q na sentença, faz com que o falante selecione, em termos de grau de relevância psicológica, o SN-q sujeito. Logo, nenhum outro SN-q poderá passar por sobre ele, assumindo o lugar de tópico da sentença, já que a regra de movimento de SN-q assemelha-se à Topicalização, ou mesmo é uma forma de se topicalizar um item qualquer.

É nesse ponto que se juntam todos os argumentos vistos acima. As condições impostas à regra de movimento baseadas nas noções de comando, precedência, "em construção com", superioridade (em termos de dominação) são nada menos que um reflexo dessa maior relevância psicológica do sujeito em relação aos outros constituintes. E essa maior relevância psicológica do sujeito encontra-se formalizada também na hierarquia temática de Jackendoff, visto expressar esse constituinte o AGENTE, que ocupa o lugar mais alto nessa hierarquia.

Um outro ponto que merece destaque — e que está relacionado, em certos casos, à questão da realidade psicológica do sujeito — é o fato de só poder haver um único movimento de SN-q por sentença. A agramaticalidade das sentenças (15a-b) e (16b)

(15)a. *Que papéis a quem João entregou?

b. *A quem que papéis João entregou?

(16b) *O que quem leu?

pode ser agora explicada de uma maneira uniforme. O que quero dizer é que, tanto num caso quanto noutro, só poderia haver um movimento de SN-q por sentença. E havendo já no início da oração um SN-q **sujeito**, é como se já tivesse navido o movimento. Em outras palavras, tendo o sujeito maior realidade psicológica em relação aos outros constituintes da sentença, ele é que será o escolhido para o movimento, dentre os SNs-q candidatos potenciais a esse movimento. Aplicando-se, então, a regra **uma única vez** (ainda que no vazio, por estar o SN-q sujeito já em posição adjacente ao Q), e sendo ela de substituição ao morfema Q, as sentenças (15a-b) e (16b) não serão geradas, pois, como só há um Q por sentença, só poderá haver um SN-q no início.

Finalmente apresento a formalização da regra de movimento de SN-q em português que, tal como está, aplica-se tanto a interrogativas múltiplas (apresentadas aqui) quanto a interrogativas que contêm um só SN-q:

(45)	X	Q	Y	SN-q	Z	
	1	2	3	4	5	opt. ⇒⇒⇒
	1	4	3	0	5	

Condição: 3 não contém SN-q diretamente dominado por O.

NOTAS

1. Dissertação de Mestrado intitulada "Movimento de Sintagma Nominal Interrogado em Português", apresentada na UFMG, em dezembro de 1978, sob a orientação do professor Dr. Mário Alberto Perini. Agradeço à Dra. Ângela Kleiman, da UNICAMP, as sugestões apresentadas na defesa da dissertação, algumas das quais estão incorporadas neste artigo, que resume um dos aspectos abordados na dissertação.

2. Há quem considere possível essa sentença somente em situação especial — a chamada **pergunta-eco**. Nesse enfoque, o movimento seria, conseqüentemente, obrigatório. Entretanto, no dialeto em que me baseei — o mineiro — sentenças como (5a) são perfeitas, em situações normais, e não somente em perguntas-eco.

3. Esses e outros argumentos em favor da pós-ciclicidade da T-Mov.SN-q estão desenvolvidos em Decat (1978).

4. Minha análise difere da de Perini (1977) por não considerar válido para o português o tratamento da T-Mov.SN-q como uma regra de "pronominalização-sombra", de acordo com Perlmutter.

5. É importante lembrar que a restrição (19) — que trata do movimento sobre um SN-q sujeito — impedirá que a regra de movimento de SN-q transporte para o início da sentença o SN-q quem, objeto de O₃.

6. Langacker (1969), op. cit., p.174-175.

7. Chomsky (1973), op. cit., p. 16.

BIBLIOGRAFIA

BAKER, C.L. (1970) — Notes on the Description of English

- Questions: the Role of an Abstract Question Morpheme.
Foundations of Language 6, p. 197-219.
- CHOMSKY, N. (1973) – Conditions on Transformations. In:
 ANDERSON, STEPHEN & KIPARSKY, eds. *A Festschrift for
 Morris Halle*. Holt, Rinehart and Winston, New York.
- DECAT, M.B.N. (1978) *Movimento de Sintagma Nominal Interroga-
 do em Português*. Dissertação de Mestrado Inédita. Universidade
 Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- JACKENDOFF, R.S. (1972) *Semantic Interpretation in Generative
 Grammar*. The M.I.T. Press, Cambridge, Mass.
- KLIMA, E.S. (1964) Negation in English. In FODOR & KATZ eds.
The Structure of Language. Prentice-Hall, Englewood Cliffs,
 N.J..
- KUNO, S. & ROBINSON, J. (1972) Multiple Wh-Questions.
Linguistic Inquiry 4, p. 463-487.
- LANGACKER, R.W. (1969) On Pronominalization and the Chain of
 Command. In REIBEL & SCHANE, eds. *Modern Studies in
 English*. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, N.J..
- PERINI, M.A. (1977) *Gramática do Infinitivo Português*. Vozes,
 Petrópolis.
- SLOBIN, D.I. (1974) *Psycholinguistics*. Scott, Foresman and
 Company. Glenview, Illinois.